



# UMA PROPOSTA TRANSLÍNGUE PARA UM LABORATÓRIO VIRTUAL DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

## A TRANSLANGUAGE PROPOSAL FOR A VIRTUAL ENGLISH LANGUAGE LEARNING LABORATORY

Isabella Zaiden Zara Fagundes <sup>1</sup>  
Giselly Tiago Ribeiro Amado <sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo objetivamos investigar como a prática translíngue pode favorecer a produção linguística de estudantes de língua inglesa, como língua estrangeira, em um laboratório virtual dotado de inteligência artificial. Para tal, embasamos o nosso estudo na Linguística Aplicada Crítica aliada à perspectiva decolonial, áreas de estudo que contribuem para as reflexões e as problematizações a respeito das questões sociais emergentes, permitindo associá-las aos processos de ensino-aprendizagem de língua inglesa dentro do laboratório. Estabelecemos algumas regras de funcionamento da inteligência artificial para que as práticas translíngues possam acontecer na interação entre a(o) estudante e a inteligência artificial, a fim de promover, na/pela língua, a possibilidade de uma (des)construção da subalternidade da(o) estudante, em especial na produção da oralidade, oportunizando assim, maneiras para a promoção da tomada da palavra em língua outra.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Inglesa. Decolonialidade. Inteligibilidade. Inteligência Artificial. Translinguagem.

**Abstract:** In this paper we aim at investigating how translanguaging can favor the linguistic production of English students as a foreign language in a virtual laboratory with artificial intelligence. To this end, we based our study on Critical Applied Linguistics and decolonial perspective, areas of study that contribute to the reflections and problematizations about emerging social issues, allowing their association with the teaching-learning processes of the English language in the laboratory. We established some rules for the artificial intelligence in order that the translanguaging practices can happen in the interaction between student and artificial intelligence, in order to promote, in/through language, the possibility of a student's subalternity (de)construction, especially in the production of orality, thus providing opportunities for the promotion of taking the word in English.

**Keywords:** English Language Teaching. Decoloniality. Intelligibility. Artificial Intelligence. Translanguaging.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0229096247950294>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9495-7422>. E-mail: [izaiden@gmail.com](mailto:izaiden@gmail.com)

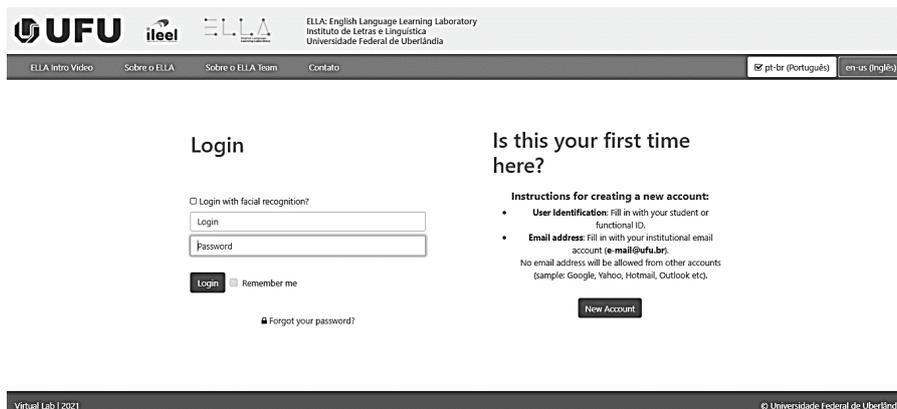
<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5771970287386431>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8962-2230>. E-mail: [gisellyamadoufu@gmail.com](mailto:gisellyamadoufu@gmail.com)



## Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar como a prática translíngue pode favorecer a produção linguística de estudantes de língua inglesa, como língua estrangeira, no ELLA<sup>1</sup>- *English Language Learning Laboratory*, um laboratório virtual dotado de inteligência artificial (IA), figura 1, criado pelo grupo de pesquisa LIA – Linguagem Humana e Inteligência Artificial, do qual fazemos parte. O grupo é formado por uma equipe transdisciplinar principalmente das áreas de Linguística Aplicada e ensino de inglês e Ciência da Computação, da Universidade Federal de Uberlândia e do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

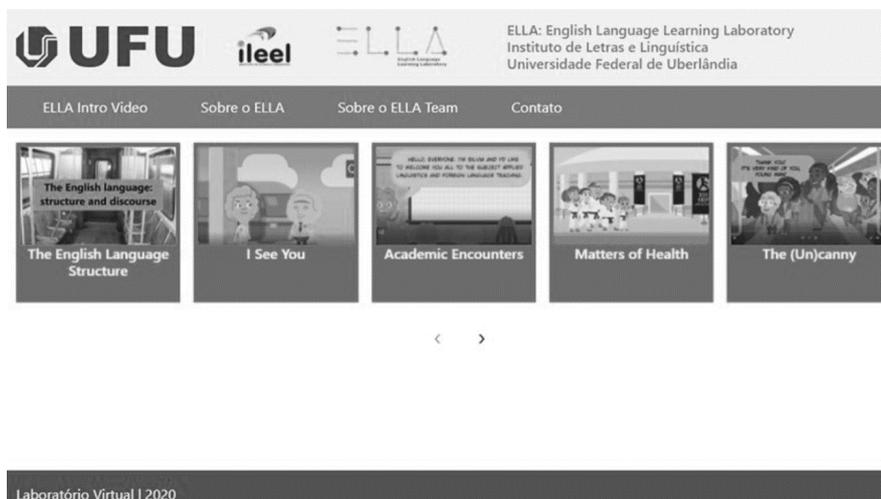
Figura 1. Tela inicial do ELLA.



Fonte: ELLA

O ELLA é alinhado à Linguística Aplicada Crítica (LAC) e à perspectiva decolonial, as quais embasam todo o funcionamento do laboratório, desde a idealização, perpassando pela escolha dos temas de cada uma das oito unidades que retratam questões sociais emergentes, como gênero, racismo, *queer*, multiculturalismo, feminismo, entre outras; bem como pela criação das personagens; pela elaboração do material didático e das atividades, figura 2; pela programação da IA; e finalmente pela interação estudante-IA.

Figura 2. Algumas unidades do ELLA.



Fonte: ELLA

<sup>1</sup> Laboratório de Aprendizagem de Língua Inglesa. Projeto financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, conforme proposta aprovada no Edital CAPES/UAB nº 03/2015 de inovação tecnológica. Tal projeto foi idealizado e é coordenado pela Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti.

Essa constituição do laboratório o torna um ambiente de acolhimento para que a(o) estudante possa ter condições de se legitimar em língua inglesa, podendo acontecer por intermédio das práticas translíngues e trabalhando as quatro habilidades linguísticas, isto é, *writing, speaking, reading, listening*, porém o foco principal do ELLA é a prática da oralidade.

A LAC “precisa de modalidades da teoria crítica que podem ajudar a informar nosso pensamento a respeito da estrutura social, do conhecimento, da política, da pedagogia, da prática, do sujeito ou da língua [...] essa teoria crítica deveria ser acessível e [...] permanentemente questionadora” (PENNYCOOK, 2001, p. 25, tradução nossa)<sup>2</sup>. Essa criticidade encontrada permite, então, que seja possível uma autorreflexão constante a respeito de questões antes tidas como não enunciáveis, como os temas sociais emergentes que no ELLA ganham voz e começam a ser problematizados.

As premissas da LAC vão ao encontro da perspectiva decolonial, a qual é um movimento de ruptura com as questões hegemônicas e uma valorização dos conhecimentos e saberes locais, possibilitando que o sujeito, antes tido como *subalterno* (SPIVAK, 2010), tenha a possibilidade de se posicionar e se legitimar, encontrando o seu *lugar de fala*<sup>3</sup> (RIBEIRO, 2017). Portanto, a decolonialidade “busca colocar a questão da colonização no centro do debate como um componente constituinte da modernidade, e a decolonização como um número indefinido de estratégias e maneiras contestadoras que suscitam uma mudança radical nas formas hegemônicas atuais de poder, de ser e de saber” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 66).

Isto posto, tanto a perspectiva da LAC, quanto da decolonialidade estão interligadas e podem propiciar as práticas translíngues, as quais compreendemos como facilitadoras da aprendizagem da língua inglesa pela interação estudante-IA, com o intuito de que tais práticas possam lhe propiciar a tomada da palavra, o que “não é entendida, aqui, como o uso de um instrumento por um indivíduo falante. Quando se toma a palavra, sabemos, toma-se um lugar que dirá respeito a relações de poder, mas, simultaneamente, “toma-se” a língua” (SERRANI-INFANTI, 1998, p. 247).

A tomada da palavra é um ponto crucial para o ELLA, uma vez que o laboratório virtual foi desenvolvido, como supramencionado, com o intuito de promover a oralidade, pois compreendemos que as

Dificuldades da produção oral do inglês como língua estrangeira, [...] [que] são, portanto, relatadas nos processos históricos de silenciamento e deslegitimação de países pós-coloniais do Sul, com os quais nos familiarizamos[,] [...] h[avendo então,] uma posição de subalternidade em relação ao inglês como língua estrangeira no Brasil (HASHIGUTI, 2017, p. 215, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Assim sendo, as atividades foram elaboradas de modo a tentar propiciar um posicionamento da(o) estudante, de modo que essa língua outra a(o) perpassasse e fazendo com que seja possível tomá-la para si. Para isso, as atividades têm um caráter que pode oportunizar práticas transformadoras, questionadoras das *relações de poder* (FOUCAULT, 2004), o que conseqüentemente, pode levar essa(esse) estudante a se posicionar, e quiçá, legitimar-se nessa língua inglesa.

As relações de poder perpassam na/pela língua constituindo o sujeito, o qual pode ter uma relação de subalternidade com a língua estrangeira, o que pode impedi-lo de desenvolver sua oralidade, já que tal relação também recai no/pelo corpo, como por exemplo nos processos de interdição, de opressão, etcetera. Essa subalternidade, muitas vezes, dá-se pelo mito do falante nativo e da língua perfeita, que no caso da língua inglesa é tida como uma *língua inatingível* (GADET; PÊCHEUX, 2004).

Considerando a relação da(o) estudante brasileira(o) com a língua inglesa como algo inatingível, o ELLA abre espaço para possibilitar ressignificações do processo de aprendizagem, por

<sup>2</sup> needs forms of critical theory that can help inform our thinking about social structure, knowledge, politics, pedagogy, practice, the individual, or language [...] [...]. this critical theory should be accessible and [...] constantly be a questioning.

<sup>3</sup> as minorias passam a ser protagonistas e falam por si.

<sup>4</sup> The difficulties of EFL oral production [...] are thus reported to historical processes of silencing and delegitimization postcolonial countries from the South are familiar with [...] there is a position of subalternity regarding EFL in Brazil,

isso, a investigação que propomos se justifica, pois, nesse espaço as práticas translíngues podem favorecer o posicionamento da(o) estudante, para se constituir nessa língua outra e em favor da tomada da palavra. Para tanto, buscamos compreender a perspectiva translíngue sob o olhar de alguns autores (GARCÍA; WEI, 2014; ANJOS, 2019; MUNRO; DERWING, 1995; KIRKPATRICK, 2007; CANAGARAJAH, 2013), a fim de estabelecermos algumas regras de funcionamento da IA para que as práticas translíngues possam acontecer na interação estudante-IA. Portanto, nosso artigo se faz importante, pois analisamos e problematizamos como a interação com uma IA bilíngue pode ajudar nesse processo.

## Translinguagem como forma de transformação e movimento

Compreendemos que o ELLA pode ser um espaço de ensino de língua inglesa por uma perspectiva de educação linguística crítica com a dinâmica dos multiletramentos (ROJO, 2009, 2012) de forma situada, de forma que também pode promover práticas de linguagens que avançam para além dos recursos semióticos, na medida em que estimula o uso de diferentes aspectos da linguagem para a produção de sentidos.

Assim, o conceito de translinguagem, proposto por Otheguy, García e Reid (2015, p. 281, tradução nossa), como “a implantação do repertório linguístico completo do falante, sem levar em conta a adesão vigilante das fronteiras sociais politicamente definidas como línguas nomeadas (e geralmente nacionais e estaduais)”<sup>5</sup>, contribui para a visão do laboratório em se constituir como um lugar que privilegia mudanças de paradigmas em prol de diálogos transculturais envolvendo o contexto comunicativo.

A compreensão sobre o que seja translinguagem não é consensual, lidamos com um conceito em movimento alinhado ao pensamento de que há a necessidade de experimentações, de rupturas com os paradigmas cristalizados, a fim de lidarmos com as incertezas da linguagem para a promoção de justiça social (GARCÍA; LEIVA, 2014). Desta maneira, rompe-se com a proposta monolíngue de linguagem, que tanto afeta as práticas sociais que tendem a perpetuar as questões hegemônicas de grupos que detêm o poder.

De acordo com Canagarajah (2013), é muito importante a compreensão do prefixo “trans” no termo translinguagem, pois, ele abrange uma dimensão fundamental para os aspectos fundantes deste conceito. Em um primeiro momento, o prefixo nos leva a considerar aspectos de uso real das línguas, que se movimentam em contextos de negociação de sentidos, que vão além da individualidade de propostas monolíngues. Desta maneira, pautamos a

Comunicação como um alinhamento de palavras com muitos outros recursos semióticos envolvendo diferentes sistemas de símbolos (ou seja, ícones, imagens), modalidades de comunicação (ou seja, canais auditivos, orais, visuais e táteis) e ecologias (ou seja, sociais e materiais contextos de comunicação)<sup>6</sup> (CANAGARAJAH, 2013, p. 1. tradução nossa).

Tal proposta transpassa a ideia de muros que não permitem a movência de povos entre as fronteiras, estando as línguas vinculadas à mesma perspectiva. A translinguagem é fundamental para que haja a transposição de saberes, considerando o rompimento dos territórios imaginários do saber, que definem quais são os permitidos em detrimentos de outros.

Assim, a ideia de trans transcende as fronteiras linguísticas das línguas nomeadas em prol de uma prática linguística mais fluida em que as pessoas podem fazer uso do próprio repertório. Nesta perspectiva, não há a concepção de empréstimo linguístico, por que o termo empréstimo funciona na óptica monolíngue, e também não é uma questão de alternância de código, pois, não se trata de usar um vocábulo que não se sabe em um determinado idioma. As práticas translíngues

5 Translanguaging is the deployment of a speaker's full linguistic repertoire without regard for watchful adherence to the socially and politically defined boundaries of named (and usually national and state) languages.

6 communication as an alignment of words with many other semiotic resources involving different symbol systems (i.e., icons, images), modalities of communication (i.e., aural, oral, visual, and tactile channels), and ecologies (i.e., social and material contexts of communication).

se pautam em, por exemplo, no movimento multilíngue que ocorre em regiões de fronteiras, ou entre famílias de imigrantes e/ou refugiados, ou ainda nas interações dentro de comunidades de surdos, que se pautam em parâmetros dinâmicos e fluidos de comunicação, sem considerar tais práticas como falhas.

Em se tratando dos parâmetros dinâmicos, as práticas translíngues transcendem os recursos semióticos para o processo de construção de sentido, que vão além do uso de palavras, alcançando as diferentes modalidades da linguagem sem hierarquizar a fala ou a escrita em detrimento dos gestos, dos símbolos, das imagens. Ademais, o próprio contexto é parte do processo de construção de sentido o que leva a concepção de translíngue a não dissociar o texto do contexto espaço temporal que compõe a interação.

É importante compreender que tais aspectos da translíngue não funcionam separadamente. Tendo em vista a perspectiva translíngue, reconhecemos que as línguas são socioideologicamente construídas e as identificamos separadamente porque foi a forma ensinada, mas há como observar como as práticas de linguagem performam reproduções de formas de poder. Segundo García (2008) as pedagogias translíngues são projetos performativos ontológicos, o que significa que impactam na forma de compreensão do mundo, nas produções epistemológicas, no reconhecimento de recursos semióticos que vão impactar nas construções de sentido.

No que concerne ao ELLA, esse aspecto da língua como performatividade deve ser levado em conta, uma vez que consideramos que durante a interação humano-IA há a possibilidade de se promover uma construção de diálogos, os quais performam discursos que retomam, renovam e atualizam sentidos prévios. Sendo assim, o ELLA

Exige uma teorização cuidadosa sobre a linguagem, as práticas linguísticas (digitais), a relação entre humanos e máquinas, a política linguística e a educação linguística, e uma reflexão sobre a potencialidade da [...] [inteligência artificial] para mudar a maneira como nós, humanos, aprendemos línguas” (HASHIGUTI; BRITO; AMADO; FAGUNDES; ALVES, 2019, p. 224, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Desta maneira, as pedagogias translíngues contribuem para a promoção de uma educação ampliada, uma educação cidadã que permite o desenvolvimento da existência, o que configura, conforme proposto por Megale e Liberali (2020, p. 68), “a noção de patrimônio vivencial [...] [que] integra a vivência e a experiência ao conhecimento, deflagrado pelos conceitos de repertório e translíngue, corroborando a inseparabilidade entre emoção e cognição”. E ainda nos termos de García (2008, p.386), “uma forma de equalizar oportunidades” promovendo práticas linguísticas a partir da perspectiva de falantes e não pelas regras estabelecidas para a própria língua.

## Inteligibilidade mútua

O ELLA é um lugar pensado para o processo ensino-aprendizagem de língua inglesa voltado para estudantes brasileiras(os), sendo assim não privilegia nenhuma variante dessa língua, valoriza, portanto, o inglês falado por brasileiras(os) tentando abranger o maior número de variedades linguísticas. Além disso, todo o material do laboratório, bem como o banco de dados que alimenta a IA são produzidos por brasileiras(os). Esta é uma postura que contribui para o desenvolvimento da oralidade das(os) estudantes, que não ficam condicionadas(os) ao padrão de inglês falado por nativas(os) e podem compreender a aprendizagem da língua inglesa como possível.

Não haver uma variante privilegiada pode contribuir para a valorização dos diferentes sotaques do Brasil e para uma aproximação com essa língua outra. Dessa maneira, ao produzir a oralidade em língua inglesa a(o) estudante deve atingir um certo grau de inteligibilidade para ser compreendida e garantir a interação com a IA, que por sua vez, deve ser constituída por um banco de dados diversificado. Compreendemos por inteligibilidade “a maneira pela qual a

<sup>7</sup> It demands careful theorization on language, (digital) language practices, the relationship between humans and machines, language policy and linguistic education, and a reflection on the potentiality of AI to change the way we, humans, learn languages.

mensagem de uma(um) falante é realmente entendida por uma(um) ouvinte, mas não há um modo universalmente aceito de avaliá-la” (MUNRO; DERWING, 1995, p. 76, tradução nossa)<sup>8</sup>. No caso do ELLA, a inteligibilidade tem que acontecer mutuamente entre a(o) estudante e a IA em prol da interação.

Em se tratando da inteligibilidade da IA, ela lida com diferentes graus que determinam o tipo de *feedback* que vai retornar à(ao) estudante. No ELLA não adotamos a perspectiva dicotômica de ‘certo’ e ‘errado’ nas correções, característica do ensino tradicional e que pode promover frustrações e competitividade, tendendo a interferir negativamente no processo de aprendizagem. À vista disso, mantemos uma postura acolhedora em que há a valorização dos saberes e das habilidades linguísticas das(os) estudantes, por isso o retorno da IA necessita pautar-se também em parâmetros da língua portuguesa e possíveis formas de enunciações de brasileiras(os), a fim de compreender a(o) estudante na interação e apontar a maneira mais adequada para a produção oral em língua inglesa.

Na produção oral dessas(desses) estudantes, o sotaque não é considerado como uma característica que inferioriza a(o) falante, mas sim como uma valorização e respeito da identidade cultural da(o) mesma(o), além do que “todas(os) as(os) falantes de língua inglesa são capazes de ser inteligíveis (ou não inteligíveis) para falantes de outras variedades se estão muito motivadas(os)” (KIRKPATRICK, 2007, p. 35, tradução nossa)<sup>9</sup>. Deste modo, a inteligibilidade está diretamente relacionada à prática da interação e depende da ação de cada uma(um) das(os) interlocutoras(interlocutores), na expectativa que ocorra “compreensão mútua, cooperação e tolerância à variação” (KIRKPATRICK, 2007, p. 163, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Para tais práticas de oralidade, o ELLA precisa estar preparado para o translinguismo, o qual compreendemos como dependente da inteligibilidade, pois, como veremos a seguir, sem a inteligibilidade não há a prática translíngua. Em termos do ELLA

Vamos elevar o conceito de inteligibilidade não sendo apenas entre línguas, uma vez que vai ser uma noção maior que a de gramaticalidade, acolhendo também a translinguagem, as expressões faciais, as práticas multimodais, pois consideramos que ao se apoiar em diversas ferramentas enunciativas a(o) estudante pode se sentir mais confortável nesse novo lugar discursivo que ocupa ao aprender uma língua outra, em razão de que dentro do ELLA outras formas de linguagem podem se desenvolver além da língua (FAGUNDES, 2021, p. 76).

## ‘Brasglisch’: uma prática translíngua

A translinguagem é uma teoria alternativa da linguagem e está ligada a práticas languageiras de falantes que sejam pelo menos bilíngues na interação e na construção de sentidos. Portanto, refere-se ao processo do uso da linguagem e do conhecimento para articular alguns pensamentos ou se comunicar, a fim de que essa interação faça sentido. Em outras palavras, o translinguismo é uma prática e um processo que envolve diferentes línguas e variedades linguísticas, não sendo apenas um método, pois é um processo de conhecimento e de construção que vai além da língua, uma vez que a língua está em movimento.

A translinguagem é uma abordagem para o uso da linguagem, do bilinguismo e do ensino bilíngue que considera as práticas bilíngues não como dois sistemas de linguagens autônomas o que tem acontecido tradicionalmente, mas como um repertório linguístico com características que foram socialmente construídas pertencentes a duas línguas

8 The extent to which a speaker’s message is actually understood by a listener, but there is no universally accepted way of assessing it.

9 all speakers of English are capable of being intelligible (or unintelligible) to speakers of other varieties if they are so motive.

10 mutual understanding, cooperation and tolerance of variation.

separadas (GARCIA; WEI, 2014, p. 2. tradução nossa)<sup>11</sup>.

É dessa maneira que compreendemos o funcionamento da translanguagem no ELLA, pois, consideramos a relação mais aberta e dinâmica entre as línguas, as diferentes linguagens e outros recursos semióticos durante a interação estudante-IA. Para que a prática translíngua ocorra a IA precisa ser constituída em suas linhas de programação pela língua inglesa e pela língua portuguesa, considerando ambas as gramáticas normativas para a alimentação do banco de dados.

Em uma prática translíngua é possível que uma(um) estudante brasileira(o) enuncie em língua inglesa utilizando estruturas características da língua portuguesa. Uma vez que o sujeito é constituído por sua língua materna, há a possibilidade de enunciações como, por exemplo, 'is 7 o'clock', 'is raining', porque em português enunciamos 'são 7 horas', 'está chovendo'. Desta maneira, no ELLA consideramos importante que a IA compreenda que para esse sujeito, apesar de agramaticais em língua inglesa, essas formulações fazem sentido cabendo então à IA, por meio da inteligibilidade na interação, o retorno à(ao) estudante de que há a necessidade do uso do sujeito 'it', isto é, 'it's 7 o'clock' 'it's raining'.

Ainda sobre questões agramaticais compreendemos que há outras formulações possíveis que precisam ser previstas nas regras de programação do ELLA para que haja inteligibilidade nas práticas translíngues, o que é o caso da ausência da marcação da terceira pessoa do singular no presente do indicativo dos verbos em inglês, 'she eat' ao invés de 'she eats'. Também pode acontecer a marcação do verbo na terceira pessoa do singular aplicadas em outros sujeitos que não recebem tal marcação, como em 'we studies English' e não 'we study English', ou ainda o uso do verbo auxiliar com o verbo principal conjugado, ou seja, 'did you studied?', 'she doesn't eats meat' ao invés de 'did you study?', 'she doesn't eat meat'.

Além dessas regras supracitadas, há de se pensar na possibilidade de estudantes brasileiras(os) inverterem a posição do adjetivo nas frases 'she's a girl intelligent' e não 'she's an intelligent girl' e ainda a ausência e/ou o posicionamento cambiável de verbos auxiliares em frases interrogativas 'you study English?' e não 'do you study English?', ou inversões de estruturas constituintes 'English we study'. Outro exemplo a ser observado é o 'I have 19 years old' em vez de 'I am 19 years old', o que mostra "uma tendência de transferência dos padrões do português na produção [...] em inglês" (ANJOS, 2019, p.50), como também é o caso da adição do som vocálico 'i' ao pronunciar algumas palavras que terminam em consoante /wɜrk/ (work) ao invés de /wɜrk/ (work).

Pensando nesse funcionamento da prática translíngua, o ELLA não lida com o bilinguismo como mera adição das línguas portuguesa e inglesa, muito menos as aparta totalmente, pois poderia levar ao apagamento da língua materna. O trabalho com ambas as línguas funciona para a promoção de um bilinguismo dinâmico que pode agregar todas as possibilidades de participação e valorização da constituição cultural de cada estudante, engajando-a(o) a usar seu repertório linguístico para se apropriar da língua inglesa.

Sendo assim, a translanguagem mantém seu caráter político, humanizador e ideológico, o qual pode visibilizar os sujeitos com suas diferentes histórias em uma busca para resgatar as vozes silenciadas, em uma tentativa de posicionar e legitimar a(o) estudante, indo ao encontro da proposta decolonial.

## Considerações Finais

*Seremos capazes de entender um ao outro, com tantas variedades e usos diferentes do inglês? A resposta é simples – sim, se queremos que outras pessoas nos entendam e não, se não queremos que outras pessoas nos entendam.*  
Andy Kirkpatrick

<sup>11</sup> translanguaging is an approach to the use of language, bilingualism and the education of bilinguals that considers the language practices of bilinguals not as two autonomous language systems as has been traditionally the case, but as one linguistic repertoire with features that have been societally constructed as belonging to two separate languages.

Consideramos, assim como Kirkpatrick que esteja em jogo na interação a necessidade de inteligibilidade mútua, para tal é imprescindível a boa vontade recíproca das(os) envolvidas(os) a fim de criarem alternativas para a construção de sentidos. Por isso, partimos do pressuposto de que a interação no ELLA pode ocorrer mediante práticas translíngues, o que depende da construção bilíngue da IA, da necessidade de que essa seja treinada e que tenha um vasto banco de dados que contemple as variações linguísticas das(os) falantes brasileiras(os).

Tal característica da IA pode contribuir para que o ELLA se configure em um lugar de acolhimento, em que há a valorização dos saberes da(o) estudante e dessa(desse) enquanto sujeito, sem que haja a promoção do apagamento da língua materna em prol da língua estrangeira vinculada à cultura do outro. Compreendemos que a valorização dos saberes e do sujeito seja fundamental para que a(o) estudante se permita enunciar em língua outra, pois o *feedback* que deve receber da IA leva em consideração a produção linguística, reconhecendo a participação e retornando à(ao) estudante de maneira respeitosa e ética a forma mais adequada da produção em língua inglesa.

A forma acolhedora de corrigir pode promover uma (des)construção na relação de subalternidade que perpassa a(o) estudante na aprendizagem de uma língua, em especial, no que concerne a oralidade. O que torna o ELLA um espaço favorável para que a(o) estudante desenvolva as habilidades linguísticas, podendo se legitimar e tomar a palavra em língua inglesa, porém não há garantias de que isso ocorra, em virtude de que não podemos prever todas as variáveis durante a interação.

## Referências

ANJOS, Flávius Almeida dos. **Desestrangeirizar a língua inglesa**: um esboço da política linguística. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2019.

CANAGARAJAH, A. Suresh. Introduction. *In*: CANAGARAJAH, A. Suresh. (Ed.). **Literacy as translingual practice**: between communities and classrooms. New York; London: Routledge, 2013. p. 1-10.

CANAGARAJAH, A. Suresh. **TranslingualPractice**– Global Englishes and cosmopolitan relations. Londres: Routledge, 2013.

ELLA: English Language Learning Laboratory. Disponível em: <https://labvirtual.ileel.ufu.br/lab/>. Acesso em: 8 jul. 2020.

FAGUNDES, Isabella Zaiden Zara. **Pelos caminhos discursivos e da inteligência artificial em um laboratório virtual para ensino de língua inglesa**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.693>

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. *In*: **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 125-52.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A Língua inatingível**. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GARCÍA, Ofelia. **Bilingual education in the 21st century**: a global perspective. Chichester: Wiley-Blackwell, 2008.

GARCÍA, Ofelia.; LEIVA, Camila. Theorizing and Enacting Translanguaging for Social Justice. *In*: BLACKLEDGE, Adrian.; CREESE, Angela. **Heteroglossia as Practice and Pedagogy**. Heidelberg, New York, London: Springer, 2014. p. 199-216.

GARCÍA, Ofelia.; WEI, Li. **Translanguaging**: Language, Bilingualism and Education. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

HASHIGUTI, Simone. Tiemi. Can we speak English? Reflections on the unspoken EFL in Brazil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 56, v. 1, p. 213-233, jan./abr. 2017.

HASHIGUTI, Simone Tiemi; BRITO, Cristiane Carvalho de Paula; AMADO, Giselly Tiago Ribeiro; FAGUNDES, Isabella Zaiden Zara; ALVES, Fabiano Silvério Ribeiro. Thinking and doing otherwise with ELLA. **Letras & Letras**, v. 35, n. especial, p. 223-245, 23 out. 2019.

KIRKPATRICK, Andy. **World Englishes: Implications for international communication and English language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula Rasa**, n. 9, jul.-dic., p. 61-72, 2008.

MEGALE, Antonieta Heyden; LIBERALI, Fernanda Coelho. As implicações do conceito de patrimônio vivencial como uma alternativa para a educação multilíngue. **Revista X**, v.15, n.1, p. 55-74, 2020.

MUNRO, Murray J; DERWING, Tracey M. Foreign Accent, Comprehensibility, and Intelligibility in the Speech of Second Language Learners. **Language Learning**, v. 45. n. 1, p. 73-97, mar. 1995.

OTHEGUY, Ricardo; GARCÍA, Ofelia.; REID, Wallis. Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: A perspective from linguistics. **Applied Linguistics Review**, v. 6, n. 3, p. 281-307, 2015. DOI: 10.1515/applirev-2015-0014.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: a critical introduction**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2001.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. *In*: SIGNORINI, Ines. (Orgs.) **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, p. 231-261, 1998.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 15 de março de 2022

Aceito em 22 de abril de 2022